



HENRY, Michel. **O Jovem Oficial**. São Paulo: É Realizações, 2012. 134 p.

Rodrigo de Abreu Oliveira *

A figura do rato sempre aterrorizou a humanidade. A lenda do Flautista de Hamelin se faz muito presente no imaginário das crianças e – por que não? – dos adultos. O acontecimento da peste bubônica na baixa idade média também ilustra bem a propagação do mal por esse maldito bicho. Entrementes, em *O Jovem Oficial*, primeiro romance de Michel Henry (1954), o jogo simbólico se dirige para o âmbito psicológico, visto que o medo advindo de tal criatura é inconsciente. A narração é intensa, contínua; a falta de capítulos transmite ao leitor a sensação de uma euforia iminente. O protagonista – homônimo do título da obra – se vê diante do embate com o seu oponente logo no início, quando o Comandante confere à sua responsabilidade a extirpação do mal. Um mal silencioso, que se apresenta nos momentos de solidão-reflexiva, que deve “[...] ser objeto constante de nosso pensamento” e que a “verdadeira compreensão de um problema como esse [...] só é dada àquele que tenha realizado em si mesmo um imenso trabalho interior [...]” (p. 10/11-12). Ou seja, é um esforço que exige do sujeito certo nível de maturidade espiritual, o qual, por meio da *agonia* – conceito compreendido aqui no sentido trágico dos gregos de embate da alma –, consegue alguma espécie de esclarecimento do problema. É uma atividade típica do pensador solitário e sonhador, que somente faz uso do seu intelecto: “Quem, então, poderia nos livrar dos roedores, senão um homem como aquele que está só, lá longe, e sonha como o esforço do navio contra

* Especialista em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010). Mestrando em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto. País de origem: Brasil. E-mail: rodrigodeao@gmail.com

as vagas e contra o mar” (p. 13). Essa tarefa, por sinal, não tem nenhuma orientação, pois, assim como na vida, não há como seguir qualquer manual.

Os diversos planos, elaborados minuciosamente pela razão, foram ineficazes. “É preciso, portanto, ousar” (p. 21). Mas, para alguns da tripulação, a ousadia não é algo a ser buscado, pois, em vez de suprimir o mal, deve-se saber conviver com ele. Sábias palavras que o protagonista levará em consideração, visto que na tentativa de eliminar totalmente a espécie, essa mesma tripulação, sob o comando do mesmo Comandante, percebeu que “os ratos são bem piores mortos que vivos”. Eles se embrenham nos cantos mais inacessíveis do navio. Assim como o mal, permanecem em estado de latência, esperando apenas a ocasião oportuna para voltarem impetuosamente, pondo abaixo a pretensão humana de extingui-los, de modo que, quando mortos, ainda restarão os seus odores para afligirem os seres humanos. Aconselha-se ao jovem oficial que se cale o “[...] desejo de empreender contra os ratos um combate quimérico cujo resultado só poderá ser desfavorável” (p. 37). A ousadia se silencia perante a tolerância. Porém, a razão é insistente, não permite acomodações e sentimentos de derrota.

A inquietação na alma do protagonista é crescente; os instantes de reflexão se dilatam e tornam-se mais comuns. Entretanto, “ele descobre que a solidão não lhe foi concedida para que sinta uma espécie de deleite pessoal” (p. 52). Há um planejamento a ser traçado e, ato contínuo, executado. O Comandante lhe conferiu essa honrosa tarefa, muito pesada, aliás, para um jovem, mas que somente um homem com suas qualidades conseguiria executá-la plenamente.

Outra característica a ser notada na obra de Henry é o silêncio. Não qualquer silêncio, mas o silêncio angustiante. Um silêncio que torna audível “[...] vários barulhos ignorados durante o dia, verdadeiros barulhos” (p. 53). O mesmo silêncio aguardado pelo cessar dos ratos, que vem acompanhado de uma mentira pueril de que tudo está bem, de “[...] que era apenas um rato” (p. 37). Contudo, algo colante permanecerá sobre o rosto, “[...] sem que qualquer sabão ou água de colônia possa

apagar-lhe o rastro invisível; ser razoável e voltar a dormir [...]” (p. 37). Nesse mundo do jovem oficial, existem forças que se sobrepõem: o rato e o medo, de um lado, que dilaceram tudo que encontram pela frente e, na outra extremidade, o silêncio repentino que transmite uma tranquilidade fugaz. Na tentativa de prolongar a paz, muitos tentam exteriorizar o problema, o que acaba por ser, no mínimo, estúpido. E esse sentimento de estupidez se apresenta na circunstância em que a aparente vitória do homem sobre o rato começa a se mostrar como um produto do absurdo. Cada um à sua maneira pensava que tendo se apoderado “[...] de um rato se imaginaria tendo matado todos os outros [...] do mesmo modo que um jovem acredita ter todas as mulheres do mundo [...] por meio do corpo de sua amante” (p. 72).

Essa batalha, todavia, está para além da nossa capacidade racional. A razão consegue abarcar o mal apenas quando as coisas estão às claras e determinadas. “À noite, quando todas as coisas se dissolvem nas trevas e na indeterminação, quando o espaço que criam entre nossa atenção e aqueles que estão no fundo do porão se dissipa, quando toda distância é abolida e nossa capacidade de astúcia e dissimulação perde seu poder, a legião inferior se torna perceptível, e eis que se põe em movimento e sobe as escadas” (pp. 75-76). Somente depois de perscrutar o seu obscuro interior, o jovem oficial constata a triste e fatídica realidade: o rato e o homem são seres que têm as mesmas necessidades. Foi num processo reflexivo, uma volta para si mesmo, que se reconheceu o inimigo e as suas fragilidades. O alimento que serve para um é também a subsistência do outro; “[...] tudo o que é indispensável aos ratos é também essencial para nós [...]” (p. 86). Portanto, para vencer a guerra será preciso uma mudança de hábito. A higienização deve se iniciar pela mudança de costumes. Os alimentos devem ser isolados e os lugares de difícil acesso (aos homens) calafetados. Talvez a possibilidade de conjecturar tal estratégia só seria possível por uma pessoa que conseguisse considerar os ratos não como seres alheios. Assim sendo, a expurgação completa só viria a acontecer se o antídoto atingisse o âmago da doença, não permitindo, por conseguinte, nenhuma metástase. As medidas surtiram efeito: fizeram com que os roedores já não se

sentissem mais em casa. “A luta interior contra os ratos tinha terminado [...]” (p. 108). A evacuação se daria numa noite. Não em qualquer noite, mas num “grande silêncio noturno” (p. 115). Os barulhos que ressoavam agora não eram do desespero humano, mas soavam como uma “[...] espécie de sinfonia que compunham num outro mundo onde rangidos e passos são uma música” (p. 115). O iminente furor veio à tona; o jovem oficial confessa: os ruídos “me enchiam de uma alegria transbordante que me dava vontade de gritar e de chorar” (p. 115). O êxodo iniciou e aconteceu um “estranho alvoroço parecido com o silêncio” (p. 116). Depois de algum tempo, todos se encontravam em festa. Comemoravam a façanha. Inocentes, pensavam ter eliminado o amaldiçoado animal para sempre. Esqueceram, no entanto, que o mal é traiçoeiro e retorna nos momentos mais inesperados, sem previsão alguma, nos acasos da vida. Ele chega, sorrateiramente, e faz seu ninho em lugares até então imaculados.